



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9365 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT02 - História da Educação

“Não pude estudar, isso que eu lamento”: narrativas de mulheres trabalhadoras de uma escola normal na região sul do Brasil (1953-1966)

Ariane dos Reis Duarte - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Estela Denise Schütz Brito - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

**“Não pude estudar, isso que eu lamento”: narrativas de mulheres trabalhadoras de uma escola normal na região sul do Brasil (1953-1966)**

**Resumo:** Este trabalho toma como objeto de análise as narrativas de memórias de mulheres que desempenharam, entre os anos de 1953 e 1966, diferentes funções em uma escola normal localizada em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS. O estudo tem como objetivos apresentar e problematizar as memórias dessas mulheres sobre a inserção neste espaço de trabalho, bem como analisar suas representações sobre as vivências nesta instituição. Utiliza a metodologia da história oral para a produção dos documentos memorialísticos analisando-as à luz de pesquisadores da História Cultural. A escrita tem como pano de fundo a *história das mulheres*, (PERROT, 2017) e opera por meio dos conceitos de Memória (ALBERTI, 2004; PORTELLI, 2016) e Representação (CHARTIER, 2011) para analisar a empiria. Foi possível perceber que, ao lembrar desse período de suas vidas, as mulheres o entendem como algo que lhes apresentou uma possibilidade de transcender seu contexto de origem, embora o trabalho não tenha consolidado todas as suas expectativas. Também foi possível observar aspectos singulares do funcionamento da referida instituição.

**Palavras-Chave:** Memórias. Mulheres. Trabalho. Escola Normal.

### **Introdução**

Este estudo foi elaborado com base em acervo empírico construído ao longo da trajetória acadêmica de suas autoras. Sua composição se deu no âmbito de uma pesquisa mais ampla, cujo desdobramento permitiu a escrita deste texto com o enfoque aqui apresentado. O artigo tem como objeto memórias de mulheres trabalhadoras de uma instituição escolar de formação de professores em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS, cujas atividades foram desenvolvidas em diferentes tempos e espaços da referida instituição.

Com isso, os objetivos deste trabalho são problematizar as memórias dessas mulheres sobre a inserção neste espaço de trabalho e analisar as representações sobre suas vivências nesta instituição. A metodologia utilizada para construir o acervo empírico é a História Oral (PORTELLI, 2016), procedimento essencialmente dialógico, onde as narrativas orais são produto da interação entre pesquisador e entrevistado. Quanto aos aspectos teóricos, recorreremos aos aportes da História Cultural (BURKE, 1992) e, vinculado a este campo de

estudos, a perspectiva da História das mulheres (PERROT, 2017). Desse modo, nos apoiaremos nos conceitos de representação (CHARTIER, 2011) e memória (ALBERTI, 2004; PORTELLI, 2016).

### Aportes teórico-metodológicos

No âmbito da história da educação, os estudos sobre as instituições escolares são recorrentes. Em geral, são pesquisas que se dedicam a investigar a história da instituição em si ou as práticas nela desenvolvidas, de modo que tais estudos não contemplam aspectos relacionados a espaços e sujeitos que não integram diretamente os processos de ensino e aprendizagem, tais como auxiliares, zeladores, funcionários de portaria e serviços de limpeza. Estas pessoas são parte do cotidiano e do funcionamento do espaço escolar, no entanto, em alguma medida, são invisíveis no que diz respeito aos estudos históricos sobre as instituições escolares. Este silenciamento, que transcende o apontado por Perrot (2017) em relação à história das mulheres, ainda é pouco discutido nos estudos do campo da História da Educação.

Portanto, neste texto, iremos mobilizar cinco narrativas de memória de mulheres que trabalharam no serviço de limpeza e alimentação de uma escola situada em uma cidade da região sul do Brasil entre 1953 a 1966. A justificativa para este recorte temporal deve-se ao ingresso da primeira senhora para trabalhar nesta instituição, até o último ano de permanência desta escola na cidade em que estava localizada. As narrativas de memórias foram cocriadas pelas entrevistadas e pela pesquisadora que promoveu o evento de História Oral (ERRANTE, 2000). Este processo é uma das premissas elementares da metodologia na perspectiva em que a entendemos: as narrativas são uma composição resultante da interação entre o pesquisador e os sujeitos entrevistados (PORTELLI, 2016), configurando-se como algo singular.

O quadro 1 apresenta as entrevistadas, que compartilharam suas memórias por meio de entrevistas gravadas em formato de áudio, que posteriormente foram transcritas e devidamente autorizadas pelas participantes. Apresentamos as entrevistadas pelas iniciais de seu nome, entendendo que tal escolha, incomum no âmbito dos estudos no campo da História Oral, seria o mais adequado para esta escrita.

Quadro 1 - Dados das entrevistadas

| Nomes (abreviação) | Idade e cidade natal            | Período e tempo de trabalho |
|--------------------|---------------------------------|-----------------------------|
| H.D.               | 82 anos, Pelotas/RS             | 5 anos - 1953-1958          |
| I.M.               | 70 anos, Montenegro/RS          | 6 anos – 1955-1961          |
| N.H.               | 65 anos, Boa Vista do Herval/RS | 1959 - 2006                 |
| V.H.S              | 71 anos, Boa Vista do Herval/RS | 1954 - 1958                 |
| V. A.              | 69 anos, Montenegro/RS          | 1953 - 1958                 |

Fonte: Organizado pelas autoras (2021)

As memórias que emergiram desse processo trouxeram à tona concepções, vivências e sonhos de mulheres que, em sua juventude, deixaram a casa dos pais e a vida doméstica para se vincularem a um emprego formal longe da realidade que conheciam até então. Michelle Perrot (2017) tem se dedicado a pensar não a história de mulheres específicas e suas

biografias, mas de todo esse conjunto que, após o maio de 1968, e dos movimentos de mulheres que começaram a surgir a partir da década de 1970 por todo o mundo, mostrou que elas tem uma história e que estase transformou. Segundo Perrot (2017, p. 14), a história das mulheres “partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação”. Aqui, temos um pequeno excerto que apresenta aspectos das ações de mulheres comuns e seu deslocamento entre a vida doméstica e pública, nesse caso vinculada ao mundo do trabalho.

A memória, elemento base do acervo empírico deste texto, é fruto de um processo que envolve a lembrança, o esquecimento, o silenciamento e certa romantização do vivido. Mario Quintana explicita essa romantização da memória ao fantasiar em seus escritos que “a memória tem uma bela caixa de lápis de cor” (Quintana, 2006, p. 159). Ao escrever tais palavras, o escritor explicita que, independente de como foi o passado, aquele que o rememora irá, como as lentes de hoje, o colorir com as cores que assim o quiser, ou seja, ainda que este tenha sido de lamúrias e infortúnios, a narrativa de memória poderá o reconstruir como belo e alegre.

Seguindo em perspectivas semelhantes ao do poeta gaúcho, segue as ponderações de Alberti (2004) ao utilizar a expressão “fascínio do vivido” remetendo-se ao trabalho do pesquisador que utiliza a metodologia de História Oral para ouvir, de diferentes sujeitos, suas experiências de vida: “sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu” (ALBERTI, 2004, p. 14).

Posto isto, cabe ainda enfatizar que entendemos e analisamos as narrativas de memórias dessas mulheres trabalhadoras enquanto uma representação desse passado vivido. Conforme Chartier (2011, p. 16) “sempre a representação das práticas tem razões, códigos, finalidades e destinatários particulares. Identificá-los é uma condição obrigatória para entender as situações ou práticas que são o objeto da representação”. Nesse sentido, a fim de compreendermos as práticas narradas por essas trabalhadoras e suas vivências dentro e fora da instituição de ensino, local de seu labor, tomar suas narrativas enquanto representação desse passado, torna-se a premissa deste estudo.

### **“Não pude estudar, isso que eu lamento”: narrativas de mulheres trabalhadoras**

Nesta seção, iremos apresentar a discussão realizada a partir do acervo empírico mencionado anteriormente. As narrativas de memórias desse conjunto de senhoras remete às suas experiências de vida antes e durante seu período de trabalho na instituição de ensino.

Ao rememorar como chegaram até a referida instituição de ensino para trabalhar, as histórias foram diversas, mas existem semelhanças nas falas: todas moravam em cidades interioranas e alguém as indicou para esta vaga de trabalho, seja o professor, como no caso de I. M. e V. A., seja a irmã, como no caso de V. H. S. e N. H. Além disso, por mais que gostassem de morar com os pais “na roça”, termo utilizado por elas para se referir à localidade onde moravam, assim que souberam da existência da vaga, ou foram chamadas para trabalhar, não pensaram duas vezes, como N.H. narrou: “*Eu me mandei no outro dia pra lá, porque eu queria continuar os estudos e eu tinha assim, muita vontade de ir, fazer alguma coisa mais tarde, algo diferente, não queria ficar lá no interior, não que não fosse bom lá, mas eu sentia necessidade de progredir*” (N. H., março/2009).

A oferta de trabalho nessa instituição de ensino surgiu para essas mulheres, como uma oferta e oportunidade de mudar e melhorar suas condições de sustento e sobrevivência, entendendo, assim, essa mudança como um progresso em suas trajetórias de vida.

Percebemos essa procura por uma mudança de vida ao olhar para a narrativa de V. H. S: “*na roça não dava mais muito né, a gente não podia nem comprar uma roupa nova e nem nada [...] eu não queria sair de casa, mas o mais depressa, quando ela disse assim ‘eu vim te buscar’ ah mas eu vou, daí no outro dia eu já fui*” (V. H. S., dezembro/2008). Como é possível observar, o emprego na escola não era algo almejado, mas uma vez ofertado, torna-se o promotor de novas perspectivas e expectativas.

Outro ponto que se destaca nas narrativas é o fato de todas chegarem à escola muito jovens, com exceção de H. D., que já estava com um pouco mais de 26 anos de idade quando saiu de sua cidade natal para trabalhar na escola. Já V. A. chegou à instituição com apenas 13 anos e logo começou a trabalhar. O seu deslocamento para esta instituição foi com o objetivo de estudar para tornar-se professora, que era o seu maior sonho: “*eu vim com um objetivo, mas não consegui ele na hora. Eu acho que a gente aprendeu muitas coisas, se tu queres aprender, só olhando tu já vai aprender alguma coisa [...] eu acho que valeu pra mim, não pude estudar isso que eu lamento*” (V. A., fevereiro/2009). Perrot (2017) diz que o acesso à educação e à instrução são umas das mais antigas reivindicações do movimento feminista, pois “*ele comanda tudo: a emancipação, à promoção, o trabalho, à criação, o prazer*” (p.159). Como visto, não foi possível o acesso à educação formal como V. A. ambicionava, no entanto ela entende ter passado por aprendizagens válidas.

Sobre o trabalho desenvolvido na instituição, as narrativas destacaram a rígida rotina da instituição não somente em relação aos alunos, como também às funcionárias. O hábito de se revezar para acordar cedo para preparar as refeições dos alunos, professores e funcionários, que também moravam na instituição, a rotina da limpeza das salas da escola, dos dormitórios, da cozinha, dos banheiros. Tudo era muito bem organizado entre elas, conforme relatou V. A. (fevereiro/2009): “*Nós morávamos lá, então o trabalho, de manhã nós tínhamos trabalho, era assim, tudo [organizado] essa semana a fulana lava a louça as outras secavam, na outra semana era trocado e a limpeza era sempre a mesma coisa, tinha que fazer sempre toda a semana.*”

Entre as falas, percebeu-se o desapontamento demonstrado por V. H. S. com relação à educação dos trabalhadores por parte da escola. Falou que a escola prometeu dar estudo aos trabalhadores, mas durante seus anos de trabalho lá, isso ela não vivenciou. H. D. também demonstrou que queria estudar, aprender a tocar harmônio, que gostava de ouvir a aluna tocar, mas a escola não se interessava em lhes proporcionar o ensino. Da mesma forma, V. A., que se transferiu para a instituição com a intenção de estudar e cursar o normal para realizar o seu sonho de tornar-se professora, não teve a oportunidade de estudar durante os cinco anos em que ali trabalhou. Somente N. H. rememorou sobre a possibilidade que recebeu da instituição de poder participar de algumas aulas, mas, como ela relatou, nunca como “*aluna oficial da escola*” (N. H. março/2009).

No conjunto de narrativas é recorrente as entrevistadas fazerem menção ao relacionamento próximo com os alunos e os professores. Elas disseram que sempre eram muito bem tratadas e que na escola, não se sentiam excluídas: “*a gente era bem tratado ali, não tinha essa ‘não esses são os serventes’, isso não tinha lá, era tudo amigo*” (V. H. S., dezembro/2008). Segundo seus relatos, os professores iam à cozinha, conversavam com elas e não eram indiferentes à elas. A relação que se estabelecia com os alunos, assim como com os professores, foi representada por uma relação de respeito e amizade.

### **Considerações finais**

No decorrer desta escrita, fizemos uma incursão em um acervo empírico construído para um estudo mais amplo. Ao fazer isto, o material foi escrutinado com novas lentes, que resultaram na discussão aqui apresentada. Assim, nos debruçamos sobre o acervo a partir da

perspectiva da *história das mulheres* e, com isso, tensionamos as narrativas de memória de um grupo de mulheres sobre sua inserção no mundo do trabalho.

O texto evidenciou que o trabalho na referida instituição foi visto como uma possibilidade de transcender seu contexto de origem e desenvolver uma espécie de crescimento pessoal. Apesar disso, nem sempre essa expectativa se consolidou, de modo que, mesmo estando em uma instituição de ensino, o avanço nos estudos não foi uma possibilidade para estas mulheres. Além disso, seus relatos evidenciam suas percepções sobre o espaço escolar e seu funcionamento em diferentes segmentos.

### **Referências**

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BASSETS, Marc. 50 anos depois do Maio de 68: essa data nunca se extinguirá. **El País**, 04 de mai de 2018. In: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/23/cultura/1524504798\\_329892.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/23/cultura/1524504798_329892.html) Acesso em 08 de junho 2021.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. In: **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

ERRANTE, Antoinette. Mas Afinal, A Memória é de Quem? Histórias Oraís e Modos de Lembrar e Contar. In: **História da Educação: ASPHE/FaE/UFPEL**, Pelotas (8): 141-174, set/2000.

PERROT, Michelle. **Minha História das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2017.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.